

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE

Em Lisboa

Anibal Cruz

Bêco dos Clérigos, 1

Correspondentes em Aveiro, Povoa, Paço, Vilarinho, Mataduchos, Taboira, Esqueira, Angeja e Sarrazola.

Fundador: J. J. Nunes da Silva

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Redactor principal: **A NIBAL CRUZ**

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Darton

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Colónias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O mais desenvolvido noticiário de todas as terras da região.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—**QUINTã DO LOUREIRO**
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

ECOS & NOTICIAS

COBRANÇA

Avisamos todos os nossos prezados assinantes de que vamos proceder à cobrança de todas as assinaturas referentes ao 16.º semestre.

Pedimos a todos estes e em especial áqueles cuja cobrança é feita pelo correio, a fineza de satisfazerem o seu debito logo que lhes seja presente o recibo ou avisos do correio, a fim de nos evitar a novas despezas; o que antecipadamente muito agradecemos.

NOVIDADES MEDICAS

O professor Frank diz que os homens agora só vivem metade de sua vida natural, que é de 150 anos.

E por que vivem só a metade? Porque não utilizam toda a vitalidade do cerebro. Os homens só trabalham com a metade da cabeça. A outra metade fica inactiva. O «dextrismo», ou «gelon» de trabalhar só com a mão direita, é o principal motivo de se encurtar a vida. Porque, trabalhando só com a mão direita, põe-se em acção sómente a actividade do hemispherio cerebral esquerdo.

E, se com a actividade de um meio cerebro sómente, vive-se, em geral, setenta, setenta e cinco anos, fazendo trabalhar os dois hemispherios cerebraes, viver-se-á o dobro: cento e quarenta ou cento e cinquenta anos!

Logo para se viver muito, a primeira coisa que se deve fazer, é aprender a trabalhar com ambas as mãos.

O «ambi-dextrismo», seria, assim, uma condição de longevidade.

Isso, aliás, ouvimos, desde estudante, desde o primeiro ano da Faculdade de Medicina, do velho professor de Anatomia, o Dr. Silva Santos. Ele não aconselhava o «ambi-dextrismo», propriamente, para prolongar a vida; mas como um meio de dar força ao cerebro; pois, trabalhando com as duas mãos, dava-se energia, á cabeça, desenvolviam-se, igualmente, os dois hemispherios cerebraes.

JOSÉ ESTEVAM

Em 26 de Dezembro de 1809, nasceu em Aveiro o eminente paladino José Estevam Coelho Magalhães, um dos mais notáveis oradores parlamentares de Portugal, sendo ainda hoje recordado naquela cidade com admiração o seu patriótico discurso sobre o apresamento, n o Tejo, pelos franceses da barca «Charles et Georges».

VISADO PELA CENSURA

TRISTE VIDA A DO JORNALISTA

Um gentil espirito que na actual geração ocupa na literatura, como no jornalismo, um proeminente lugar—o sr. Dr. Mário Gonçalves Viana, definiu, com seu apreciado saber, a triste vida do jornalista, artigo primoroso que publicou o prestigioso jornal beirão «O Heraldo de Oleiros».

Embora a sua larga expansão, limitado número de portugueses o leram; quantos o esqueceram, após horas de o comentarem; é que, na terra portuguesa, o labor mental, as belas-artes, em todos os tempos, tiveram o mais reduzido apreço nem conquistaram o preciso apoio da comunidade.

Eis porque, há anos, escrevendo sobre os feitos que nos legou o saudoso actor António Pedro, exteriorizamos este grito de angustia:

Como é triste nascer em Portugal homem de talento ou grande artista!

Apesar da intensa renovação espiritual e social, porque está passando a nossa nacionalidade, ainda estamos longe de compreender a necessidade do culto do sentimento e do espirito, por nossa desventura.

Feliz será a família portuguesa, desde o dia em que o seu maior número esteja integrado, para prestigio da civilização, na cultura espiritual, de que está ainda distanciada. Só então saberá apreciar a elevada função que nas sociedades exerce o jornalista que, da profissão, faz devotado sacerdocio, tudo sacrificando em prol do prestigio que deve ladear a manifestação mais expressiva da mentalidade dum povo—a Imprensa!

Definindo na sua triste vida o jornalista, escreveu o notável homem de letras, Dr. Mário Gonçalves Viana:

«Fazer jornalismo na nobre e digna acepção da palavra, não é, positivamente, coisa fácil. O jornalista sério e consciencioso nem sempre é compreendido. Porque escreve verdades, cria mais inimigo. E mesmo quando faz pura doutrina, pouca gente consegue convencer. Nos artigos onde ele generaliza os problemas de interesse social, o público procura logo individualizar tudo quanto lê, descobrindo «carapuças» e alusões indirectas, onde nada mais há do que meras afirmações de principios. Sobretudo nos pequenos meios, existe sempre quem se

julgue alvejado pelas linhas ou entrelinhas da prosa que aparece nos jornais, como se porventura o jornalista nada mais fizesse do que preocupar-se com a vida alheia e dirigir botes a um e outro.

O povo está tão deshabitado de encontrar inteireza de carácter, que se esforça por descobrir intuitos reservados ou inconfessáveis, onde tudo é lealdade e nobresa. Confunde os que fazem do jornalismo um apostolado, com aqueles outros que apenas procuram servir as suas paixões. Julga todos pela mesma bitóla. E embora dizendo mal deles, prefere os pseudo-jornalistas, amarrados aos interesses do partido ou escravizado aos personalismos baixos e mesquinhos».

Fielissima fotografia, na qual vêm os modernos jornalistas. Felizmente há excepções. E que excepções...

Gazeta de Coimbra, conceituado jornal que se edita na primeira capital da nossa intelectualidade, acaba de publicar as memórias de um grande jornalista, Alberto Bessa, que sempre desempenhou lugares de destaque nos nossos colossos de publicidade nas duas capitais, em revistas, nos jornais do Brasil; profissional de envergadura intelectual e moral, trabalhou sessenta anos, sem o menor deslize, escravo, na valiosa acepção da palavra, da sua proficção e da colectividade. Honrando, melhor dirêmo—glorificando a Imprensa, que será, na marcha infinita dos séculos a mais elevada expressão do pensamento humano, á hora que redigimos este artigo, não há no seu lar uma fatia de pão! Um grande jornalista a debater-se com a miséria.

A triste vida do jornalista...

A solidariedade entre os homens, no momento que passa, em que os povos se olham diante de quantas cruéis incertezas, é um méro palavrão que adorna as páginas de dicionários. E dizem que vai alta a Civilização... Homem de carácter, jornalista que bem serviu, despresou honrarias, quantas benesses, que só cumpriu, trabalhou, bem merece o auxilio dos que podem—o que aliás é um Dever—levar pão a quem tem fome.

O fim de um grande trabalhador da Imprensa. A triste vida do jornalista...

R. Laranjeira

ECOS & NOTICIAS

DIZE-ME QUANDO NASCISTE, DIR-TE-HEI QUEM ÉS...

Os antigos associavam o dia do nascimento ao futuro caracter dum recém-nascido. Se nos fiarmos no que eles diziam, podemos facilmente adquirir alguns conhecimentos sobre o feio de algum nosso amigo. Primeiramente, tratamos de saber a data do seu nascimento (um pouco difficil, mormen e para as amigas intimas...). Depois, recorrendo a um calendário perpétuo, sabemos em que dia da semana nasceu o individuo em questão. Sabendo-se o dia da semana, o resto é fácil...

As pessoas que nasceram ao domingo (Sol) são de espirito brilhante; as pessoas que nasceram á segunda-feira (Lua) são indecisas; á terça-feira (Marte) são ardentes; á quarta-feira (Mercúrio) são hábeis; á quinta-feira (Jupiter) são rectas; á sexta-feira (Venus) são encantadoras; ao sábado (Saturno) são circunspectas. E' claro que semelhantes generalidades podem ser alteradas por diversas contingencias. E, feita esta restrição e atendendo a que se trata de generalidades, está tudo certo...

Já agora, e para ajudar os nossos leitores a terem mais dados para conhecer o caracter dum amigo, damos ajuda a seguinte receita:

As pessoas que riem em A «Ah! Ah! Ah!» são francas, inconstantes, activas. As pessoas que riem em E são melancólicas.

As que riem em I são as crianças; mas também riem em I os os ingénuos, os que são serviçais, dedicados, tímidos, irresolutos. A gente loira também, em geral, ri em I.

O riso em O indica sentimentos generosos.

Da gente que ri em U devemos fugir a sete pés; riem em U os avarentos, os hipócritas e os misantropos.

DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

Faleceu no Porto, onde se encontrava em tratamento, o sr. dr. José de Figueiredo, director do Museu de Arte Antiga, de Lisboa, considerado como uma das primeiras autoridades sobre assuntos de arte, pelo que a sua morte foi considerada como perda Nacional!

CORPOS ADMINISTRATIVOS

No dia 2 do corrente teve lugar em todo o país a posse dos novos corpos administrativos para o triénio de 1938-1940.

RABISCOS

Trages regionais portuguesas

Os trages regionais guardam o mais tipico que existe entre os povos, o que todavia os diferencia e distingue uns aos outros; e, é curioso observar, quando se viaja muito, as coincidências que existem entre os povos das regiões, que laços misteriosos terão havido para que tanto se pareça o seu trajar?

Portugal tem a beleza de toda a Península Ibérica nessa facha privilegiada que é a orla do Atlântico, e apesar do seu progresso e civilização, guarda zelosamente as suas velhas tradições, por isso, visitando as aldeias, as cidades, se acha esse sabor local, essa evocação do passado que com tanta emoção, buscam entre a uniformidade sem poesia da vida moderna.

E' tal a diversidade de trages que se podem confundir. De de que entramos no Minho, chama a nossa atenção a mulher que trabalha, envolta no seu trage de pano burdo, semi-masculino, de cor cinzento, de aspecto miserável, calçada com pesadas albarcas e coberta a cabeça por essa espécie de capa que recorda a manilha que usam as mulheres de Vizeu.

No Minho também vemos essas raparigas de trabalho que tem algo de mexicanas, com os seus panuelos de floco sobre o guarda-sol, os seus aventais de côres e a sua aparência bizarra. Elas tem uma grande afeição aos adornos, brinços, cores de contas de côr, vestidos abizarrados; os seus corpitos recordam as bretões e holandesas, em especial as ingénuas habitantes das ilhas do golfo de Zuiderzee. Aí, os homens descalçam de perna e pé, vestem uma espécie de túnica apertada por um cinturo, e a barretina, que parece uma manga de côr de café, na cabeça, que lhe dá um aspecto estranho.

No Douro ainda é mais primitivo o trajar pois se chega a prescindir até se vestir dum só pau.

As mulheres usam trajes de pano nos dias festivos e adornam-se com cadeias e arreca-dos de ouro em profusão.

As filhas herdadas das mãis as cruces, medalhas e esses grandes corações de filigranas que trazem sobre os seus peitos.

Em Aveiro a mulher recorda a extremadura descalça, com a falda ao vento e o casaco rodeado o vestido, que se tira em dia de calor, e o lenço amarrado à cabeça, onde se carregam todos os pesos, sobretudo as canastras com peixe, cântaros de água, de tal maneira que dão elegância e esbelteza à sua figura.

Vemo-las andar ligeiras com a sua carga, volver a cabeça para a esquerda ou para a direita sem perderem equilibrio. Mas, perto de Lisboa, em Leiria, toda essa região que vai das Caldas da Rainha à Bata-

Liga Regional do Baixo Vouga

A comissão organizadora da Liga Regional do Baixo Vouga reunir-se-á em Lisboa no próximo domingo, 16 do corrente, pelas 15 horas, para serem lidos os Estatutos e tratar de outros assuntos referentes à sua fundação. Por isso são convidados a comparecer os srs. Manuel Rodrigues Carvalho, António Nogueira Pinho,

Ernesto da Silva Baptista, Manuel Rodrigues Teixeira Benção, Alfredo Dias Pires, Manuel Francisco Corujo, José Nunes Ferreira, José de Sousa Aguiar, Policarpo Nunes de Sousa e Anibal Cruz.

O local da reunião será indicado a todos estes e outros em carta que lhes será dirigida.

NUNCA MAIS

Parece que outrora, quando alguém era visitado pela Dedita, chorava francamente a sua pena, sem que por isso fosse considerado ridículo, ou desse motivo para críticas. E assim devia ser, pois as lágrimas, quer sejam de vergonha ou arrependimento, que redimem e alevantem; quer sejam de miséria ou desventura, que confortam, são o dom mais precioso que Deus conferiu ao homem.

Assim, ecos do passado, trazem-nos os vultos sofredores de Petrarca a chorar pela sua Laura, lágrimas ardentes que alimentavam a fonte de Vaucluse; Camões a suspirar por Natércia, Bernardim, e tantos outros que a história nos apresenta como personagens que incarnaram o Pranto e a Desventura. No livro aberto do Tempo, esses símbolos da dor, escreveram com tinta indelével de lágrimas o seu nome imorreioiro. Porém, com o rodar dos anos, não sei se por culpa do progresso ou se para esconder que a alma se lhe tornara algida, o homem começou a clamar: «é, feio um homem chorar», é ser piegas e lamechas. Mas ninguém pode renegar o pranto, que é a condição da vida, moeda com a qual pagamos a existencia. Então o mundo transformouse num enorme palco, onde todos representam a farsa da alegria e felicidade. E os miserios e tristes mortais metamorfosearam-se em outros tantos, que se esforçam por fazer crer uns aos outros que são ditos. Há sempre, porém, um momento em que a dor é

lha, existem graciosas que, se andassem com flores, pareceriam andaluzas, e com o seu sobrevito sobre o chapéu de cor viva, preso com alfinetes dourados, recordam as canari-nas de Tenerife.

Mais além, nos campos do feroz Alentejo, a mulher imita o trage semi-masculino das serenas. Não é raro vê-las fazer da sua própria blusa umas calças que apertam fortemente a sua perna; envoltas num chale que lhes rodeia o facto e com o chapéu preso à cabeça; empunhar uma foice e cortar as espigas que amadurecem ao Sol.

Alexandre Lima.

tão intensa, tão intolerável, que como o célebre Palhaço, entre gargalhadas estrondosas, rompeu o chorar a tragédia da sua alma. Se a vida é cimentada com lágrimas vestidas de penas! Penas, espadas de dor a trespassar corações! E são tantas e tão variadas! Há a dor separação, abandono, salidade, dor miséria, dor desgraça... são tantas e tão variadas! Mas a mais cruel é a dor nunca mais, porque é sem remédio, dor do nada, do vácuo, do irrevogável. Assim por exemplo: Temos em nossa vida um ente estremecido que nos acompanhou no nosso chilrear infantil, nos nossos folguedos inocentes. Depois, sempre a nosso lado, companheiro querido da nossa existencia, compartilha das nossas alegrias. E se alguma vez — palhaço em cena — soltamos gargalhadas para abafar o pranto da nossa alma, chorando dores escondidas que não queremos confiar, ou o desânimo nos prostra e acabrunha, coração bondoso, vigilante e atento, tudo adivinhando, é mão que nos levanta, alento que nos reanima, alegria despreocupada que nos comunica um pouco da sua luz. Se agora é voz que censura, já é conforto e carinho. Assim é uma vida; mas a Parca, negra fatídica e implacável, debruça-se, um dia, sobre essa vida, e sopra-lhe o seu bafo mortífero. Tudo sossobrou. Nosso coração desvairado, não sabe ao certo o que perdeu; se uma mãe, se uma filha. E o palhaço chora amargamente.

A dor nunca mais dilacerou sua alma.

Nunca mais ouvirá o seu rir e a sua voz. Nunca mais verá o seu rosto. Seu lugar está vazio, nunca mais o ocupará. Nunca mais, nunca mais! Tormento sem igual, o que poderá consolar? No escritorio da Vida, haverá alguma alegria que possa cobrir tão grande dor? Não, o palhaço não crê em felicidade. E chora, já não sabe fingir alegria. Rajas de loucura devastam a sua mente. E beneficio de Deus seria que a razão lhe parecesse, para não voltar a ouvir a voz desgarradora, a bradar dentro de seu peito, num desespero: nunca mais, nunca mais...

Helena.

Em LISBOA

Diz-se

Que o amigo Manuel Garrido anda, com o frio, muito encolhido;

— Que o João Antão Barata, para fazer a vontade à sua nova pombinha, cortou o cabelo à escovinha;

— Que o Claudino encontra-se agora solitário, pois não lê já os jornais e deixou o cargo de secretario;

— Que o Mário de Sousa Tavares tinha tal pressa em se casar que nem aos amigos mais chegados foi participar;

— Que tudo fez num instante, mas quem teve a honra ao vinho do Porto foi o nosso «Tratante»;

— Que o sr. João Ferreira, com este rijo janeiro, anda cheio de calafrios, demais quando passa as noites em Sete-Rios;

— Que até o guarda noturno do Terreirinho quando o viu feito num pintainho às 4 da madrugada, todo molhado lhe disse nesta toada: — Assim é que é conquista! Estás despachado, galo sem crista!

— Que o Viana e o Jacinto lhe perguntam em tom brêjeiro: — «a tua Natividade já chegou a Brêjo Fundeiro?»;

— Que ela ao partir deu muitos abraços ao seu João, em agradecimento de lhe levar a trouxa à estação;

— Que no Poço do Bispo, o cunhado do Bernardino andou uma semana inteira muito triste pela falta do galo na capoeira;

— Que o nosso Pina acha graça verdadeira com a tal agua-pé morangueira;

— Que o Cruz encontra mais piada na irós de enfiada;

— Que desde o ano passada o filho do Tavares é o rapaz mais falado das Cortes de Alvares;

— Que a todos os leitores do que em Lisboa se diz, o autor destas linhas deseja tenham um ano muito feliz.

Lince.

Padaria

TRESPASSA-SE uma em S. Bernardo com documentos legais. Cosedura 95 kilos sendo 35 fina, quem pretender dirija-se ao proprietário M. M. Matos. (1)

Carteira Elegante

ANOS

Na próxima segunda-feira passa o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. António Maria Dias, estimado agente da P. S. P., de Lisboa.

— Também no mesmo dia faz anos o nosso ilustre conterrâneo sr. dr. Manuel Augusto Simões Carrelo, distinto médico na capital.

— Também no dia 11 festeja mais uma risonha primavera a menina Madalena, simpática filha do nosso director.

— Igualmente no dia 11, completa 65 anos o nosso amigo sr. Manuel Gonçalves de Pinho, da Quinta, pai dos nossos assinantes srs. Manuel, Aurélio e Salvador Nunes de Pinho.

— No dia 12 fazem anos: a sr.^a D. Arminda da Silva Santos, dedicada esposa do sr. Acácio dos Santos, digno 1.^o sargento da marinha.

— No próximo dia 14 do corrente festeja mais uma primavera o menino João Dias Pires, filho do nosso estimado amigo e colaborador sr. Alfredo Dias Pires, presidente do Sindicato Nacional dos Empregados e Operários Manipuladores de Pão de Lisboa, e de sua estremosa esposa sr.^a D. Maria de Jesus Pires.

— No dia 15 do corrente completa 18 verdes anos o sr. Manuel Maria Maia, filho do nosso amigo sr. António da Maia, e de sua esposa sr.^a Maria Simões de Moura, proprietários de Mataduchos.

As nossas felicitações a todos os aniversariantes e muitas prosperidades.

DOENTES

Encontra-se no Hospital da Estefânia acerca de 5 meses, sendo operada há dias a um quisto no fígado, passando por isso bastante mal, a sr.^a D. Maria Jorge, irmã do nosso prezado amigo e assinante sr. Jacinto Jorge Júnior, empregado da Carris de Ferro de Lisboa.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.

CASAMENTO

Na igreja de Arroios, em Lisboa, efectuou-se no dia 13 de Dezembro o consórcio do nosso amigo e assinante sr. Mário de Sousa Tavares, empregado da Carris de Ferro, com a simpática menina Guiia Saraiva Sousa Tavares.

Aos noivos, que são dotados de excelentes qualidades, endereçamos os nossos parabéns e votos de mil felicidades.

VISITAS

Vindo da Barquinha, onde é laborioso industrial de panificação, esteve em Cacia à dias visitando sua família, a quem cumprimentamos, o nosso prezado assinante sr. Manuel Dias Quarresma.

— Também vindo de Lisboa, onde é geralmente estimado e comerciante, esteve à dias em Sarrazola, a quem igualmente cumprimentamos, o nosso estimado amigo e assinante sr. Adriano Sequeira Tavares.

— Em visita ao nosso director, esteve no passado domingo na nossa redacção o sr. Fernando dos Santos Monteiro, nosso assinante e estimado guarda livros do Parque Material de Estradas.

— Igualmente vindo de Coimbra, esteve na última terça-feira em Aveiro a tratar dos seus negócios o nosso assinante sr. Manuel Tavares, industrial de padaria nos arrabaldes daquela cidade.

Por causa do "Jazz"

Sem pés nem cabeça

Alguem havia incutido nos animos de certos artistas que na casa da Tuna de CACIA deram um espectáculo no dia 25 de Dezembro findo, de que um outro divertimento que nesse mesmo dia se realizava pelos «Unidinhos Jazz» no Largo 5 de Outubro em Cacia, havia sido organizado com o unico fim de prejudicar o espectáculo anunciado pelos artistas que á nossa terra abordaram. Por esta razão, a troupe de artistas fortemente incitada procurou o nosso incansavel amigo António Perfeito (a quem se deve a existencia de um belo e simpático "Jazz" que possui um esmerado e completo reportório de músicas modernissimas, composto por sete figuras quasi todos proficionais, grupo este que a mocidade caciense há muito consagrou, quer pela sua conduta, quer pela sua arte, como também pela beleza e rigor com que se apresentam devidamente fardados a tocar) e lhe observou que se seriam prejudicados com o sarau dos "Unidinhos" porquanto estavam informados de que eles, «Unidinhos», promoviam o sarau com o fim de molestar a Tuna de CACIA em virtude de rixas existentes entre os dois grupos etc. etc. mas que afinal essa acção iria prejudicá-los a eles, que eram proficionais e nada tinham com as divergencias dos dois grupos etc. etc. e por isso pediam para que adiassem para outro dia o seu divertimento. O sr. António Perfeito, então, como pessoa sincera e biosa (embora lhe hajam apontado ironias e defeitos) fazendo-lhes ver de que estavam deveras erradamente informados quanto à conduta dos «Unidinhos» e quanto à data em que o sarau já vinha sendo anunciado (a pedido da mocidade inteira da freguesia) comprometeu-se contudo n'um gesto de elevado valor e brio pessoal, a pagar-lhes todos os lugares que não vendessem para o espectáculo, pois queria que eles (artistas), levassem de Cacia a

recordação de um belo exemplo de lealdade e de coragem da sua parte, já que por outro lado haviam experimentado os efeitos desagradáveis de intrigas perversas, mas que por coisa alguma deste mundo recusaria perante o jôgo dos inimigos do "Jazz"; realizar-se-hia nesse dia o baile nos "Unidinhos", mesmo que isso lhes acarreta-se prejuizo, e eles, artistas, não seriam prejudicados; assim aconteceu.

A's 23 horas chegava ao espectáculo um enviado especial dos «Unidinhos» a informar-se da existencia de lugares devolutos para serem pagos conforme o cumprimento voluntário, tomado por António Perfeito; um dos artistas, perante tão digna e cavalheira acção, foi ao palco e, dirigindo-se aos espectadores, fez constar o que se passava, acrescentando que em tôda a sua carreira de artista era a primeira acção desta natureza que conhecia, acrescentando então que agradecia muito o acolhimento que lhes fiseram o povo de Cacia; nesta altura, um certo espectador levantou-se e disse: *O povo de Cacia não... o povo de Sarrazola!!!*

Ora Sarrazola, Cacia é, porque é sua filha; mas isto não é tudo; é que esse espectador, individuo que passa por pessoa importante, embora assentasse residencia no lugar de Sarrazola, onde é comerciante, nasceu em Cacia na sede da freguesia, é filho de pais de Cacia, sendo portanto de Cacia!...

Vejam, pois, os meus queridos conterrâneos, o quanto custará na nossa terra, levar por diante certas iniciativas, com gente desta ordem. Ora segundo me consta, o "Jazz" foi fundado em virtude de certo procedimento da Tuna, mas os «Unidinhos» ainda hoje afirmam que estão prontos a constituir com a tuna um só grupo musical, como prova de espírito de união, de ordem e de bairrismo que possuem.

Apelo para a mocidade da nossa freguesia, já é tempo

Rádio-Botica

ENTRE CAMPOS, 2.—Chegou aqui, são e escorrelto, vindo de Lisboa, o sr. Joãozinho Antãozinho Baratinha, que teve uma calorosa recepção por parte dos seus inumeros colegas e amigos, que o felicitaram pelo êxito da sua viagem que foi obrigado a fazer desde o Rossio até aqui. Assim pôde passar mais uns momentos ao pé de quem tantas voltas lhe faz dar ao cérebro, já que não pôde ir até Brêjo Fundeiro.—*Já te vi.*

ANGEJA, 3.—A passar uns dias nesta linda Angeja, ali na rua da Cruz, esteve o reformado Meireles acompanhado da sua formosa apaixonada.—*João do Aido.*

ZÊ D'ALDEIA.

Necrologia

D. Ana da Rocha Barros

Em Aveiro, faleceu no passado dia 2 do corrente pelas 22 horas com a idade de 72 anos, a sr.^a D. Ana da Rocha Barros, irmã do nosso prezado amigo assitante e proprietário da importante e acreditada Pensão Avenida, daquela cidade sr. Bruno da Rocha; mãe do também nosso amigo sr. Manuel José de Barros, igualmente proprietário e comerciante na mesma cidade.

O funeral da extinta senhora realizou-se no dia 3 á tarde para o cemitério local, o qual foi muito concorrido pelo elevado número de amigos que Bruno da Rocha e Manuel José de Barros, contam em Aveiro.

Para êstes e mais família, o «Ecos de Cacia» apresenta os sentidos pêsames.

para reconhecer que Sarrazola deve acabar com o velho espírito de independencia injustificada!

Sejamos unidos! Viva Cacia!... Viva Sarrazola!...

Um caciense.

NOTÍCIAS DE MATRUÇOS

Festividade.—Segundo informações que colhemos, vão ser deslumbrantes êste ano os festejos a Nossa Senhora de Almieira, padroeira deste lugar, pois o seu digno e brioso juiz, nosso amigo sr. João Gonçalves Saltão, está animado da melhor boa vontade, não se poupando a despesas para êsse fim.

E, tanto assim é, que mais de uma dúzia de fogueteiros, já andaram evoluçionando em volta dele, perfilando-se como diante de um «capitão» a ver qual conseguia maior encomenda.

Pena é se a festa na rua se não pode realizar nos dias e local do costume, pois isso acarretará desgosto para os nossos conterrâneos por ver alteradas as antigas tradições da sua festa, e bem assim ao juiz que verá diminuir por êsse motivo a receita monetária.

Não é verdade camarada do moliço!...

O Natal.—Os dias de Natal e Ano Novo decorreram aqui sem a costumada animação dos anos anteriores onde a cada momento se ouvia o estrondo dos foguetões lançados no espaço aqui e ali pelos nossos conterrâneos despican-do-se. O tempo agreste e o frio intenso que fez nestas noites e que continúa fazendo seriam a causa dessa monotonia?

O dia de Natal dia do nascimento de Jesus, dia destinado á consagração da família, foi o de lágrimas para o sr. Cesar Vidal e sua dedicada esposa sr.^a Elisa da Fonseca, ali do Olho d'Agua, pela morte nesse dia de uma filha-nha, unico pedacinho da sua alma, a quem dedicavam todo o seu afecto, e lhe anteviam um risonho futuro, e ao ver o pequenino cadáver, de uma brancura imaculada, no seu caixãozinho branco como branco era o setim do seu vestidinho, sorridente como um cherubim, deixava adivinhar que o seu lugar era já entre os anjos que mais próximos de Deus, pediam pelos entes queridos que a essa hora debalhados em lágrimas, lastimavam a sua perda.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Esgueira, sendo concorridissimo por pessoas de tôdas as categorias, e por elevado número de crianças com bouquets de flores artificiais. Aos doridos enviamos muitas condulências, assim como lhes aconselhamos resignação.

Tratou do funeral a agencia de Américo Dias Capela, que como sempre, mostrou a sua elevada competencia.—C.

Padaria

Trespasa-se uma das melhores coseduras em Aveiro. Informa Agostinho Marques de Melo.

Noticias de Angeja

Santos Reis.—Realizou-se no passado dia 1 do corrente a tradicional festa dos Santos Reis (Pastorinhas), festa esta que foi extraordinariamente concorrida por todo o povo Angejense que mais uma vez se apresentou com capricho nas suas ofertas ao menino Deus.

Abrihantou esta tão honesta festa a Banda da Associação Recreio Angejense, que se portou gallhardamente.

A comissão organia adora que é composta dos principais elementos de Angeja, apresentamos os nossos parabéns pelo exito obtido na festa do último sabado.

Anos.—No dia 27 do último mês, completou 57 primaveras o nosso amigo sr. Guilherme Dias Capela conceituado comerciante nesta praça.

—Também no dia 28 do referido mês, completou 27 anos o nosso amigo sr. José Correia Vidinha, igualmente comerciante.

Para os aniversariantes, as nossas saudações para que contem muitos mais.

Desastre.—No dia 4 do corrente cerca das 15 horas, deu-se nesta freguesia um accidente de veras lamentável, pois que muito impressionou tôda a população pacata de Angeja.

A referida hora entretinham-se a brincar junto dum poço da sr.^a Guilhermina do Arco, diversas crianças, entre elas o menino Júlio, filho do sr. Adriano Fernandes, morador na rua da Cruz, e, em dado momento, o Júlio debruçou-se sobre o poço de tal forma que perdeu o equilibrio caíndo dentro do mesmo.

Aos gritos dos companheiros da infeliz criança, acudiram muitas pessoas que retiraram o Júlio já cadáver.

O funeral da desditosa criança, realizou-se no dia seguinte pelas 5 horas da tarde.

Aos pais do morto, apresentamos os sentidos pêsames.—C.

Baile em Canelas

Promovido por um grupo de 11 amigos da sua terra, realizou-se no último domingo em Canelas, no Salão do Ensaio da Banda Bingre, um importante baile abrihantado pelo «Unidinhos Jazz» de Cacia, que pela primeira vez ali foi desempenhar o seu reportório

Este baile esteve muito concorrido por tôda a mocidade de Canelas e Ferrelá, que muito concorreu para que no mesmo fossem leiloadas lindas ofertas.

Os «Unidinhos Jazz» de Cacia, foram alvos de extridentes salvas de palmas por tôda a assistencia.

Aos 11 amigos de Canelas, agradecemos a deferencia de assistirmos, como o fizemos, a tão simpático e importante baile.

(N.º 5) FOLHETIM DO «ECOS DE CACIA»

Mantas Massano

Em busca de fortuna

Quem passasse pela baixa a esta hora havia de ter notado que por uma das ruas passavam entre os transeuntes um homem e uma mulher audazmente vestidos, indicando alguns aventureiros que vão para o Brasil calçados e veem de lá descálços. Desnecessário será dizer quem são. Coitados! Metia pena ver João e Maria cobertos de tanta miséria que não podiam disfarçar! Não tinham dinheiro para as passagens para as suas terras; indicaram-lhes o governo civil, e para lá se dirigiram; uma vez ali dentro pediram por caridade que os remetessem para a terra que deixaram alguns anos antes.

Contaram a sua odisseia não sem comoção dos que os ouviam, e por fim conseguiram o que desejavam.

No dia seguinte entraram na pequena aldeia situada nas faldas da serra da Estrela.

Verteram-se muitas lágrimas e todos lamentaram a triste sorte de tão humilde casal.

Tanto os avós paternos como os maternos de Manuel e Francisco, haviam falecido cinco anos depois destes partirem com seus pais para o Brasil.

João e sua mulher muito amigos foram recolhidos por caridade em casa da tia Tereza, já muito velhucha, tendo ficado sem o

marido dez anos antes desta data.

Como tudo havia mudado! Que quadro de tintas sem brilho tão diferente do que se vira quinze anos antes!

Dois dias depois de tão dolorosa cena de lágrimas causada pela forma miserável como os pobres aldeões apareceram na aldeia, Manuel e Francisco apareceram também ali.

A primeira preocupação de ambos, foi a de comprarem a casa e o terreno que seus pais venderam, o que conseguiram, pois queriam levar a notícia ao Rio de Janeiro aos autores dos seus dias e depois voltariam os quatro para a pequena aldeia onde acabariam o tempo que lhes faltava para a morte os levar.

Feram informados do regresso dos pais e da miserável si-

tução em que se encontravam, recolhidos por esmola em casa da tia Tereza.

Como loucos, dirigiram-se a casa de tão bela e santa velhucha. Abraçaram os filhos desta mulher tão boa como caritativa, com quem brincaram tantas vezes, e de resto, o que se passou entre João, Maria, Manuel e Francisco, não há pena que possa descrever.

O tempo correu. Nessa pequena aldeia há um palácio no meio dum lindo jardim. Onde crescia o trigo, crescem rosas lindas e perfumadas, e entre elas, passeia um grupo de pessoas bem apresentadas. Um homem e uma mulher já avançados na idade, envergando ricos frages de aldeia, e dois homens ainda novos bem vestidos também. Um com vinte e trez, e outro com vinte e cinco anos; um médico, e o outro, engenheiro. Fala-se de amor; fazem-se projectos de casamento

para Manuel e Francisco que estão para desposar as filhas dum abastado lavrador daquele lugar, e nem uma só palavra a fazer lembrar que no Brazil se ganha dinheiro a rodos. Veio a noite.

Deitaram-se; João encontrava-se numa grande quinta, e a meio desta um bonito chalet habitado por ele, sua companheira, e os dois filhos. Havia em alguns cantos da casa, devidamente guardado, muito ouro, e dinheiro para pagar o pão de cada dia. Afinal, na manhã seguinte, João ao acordar viu-se ao lado da sua companheira, e então não olhou para o mar. Olhou para a sua querida Maria que achava a mais linda de tôdas as mulheres. Ti ha sonhaço, mas o sonho desta vez mostrava-lhe a realidade.

Mantas Massano

F I M

6 Sonetos de Alípio Rama

O consagrado poeta e escritor de fina sensibilidade literária—Alípio Rama—autor laureado e conhecido em Portugal e no estrangeiro, pelos seus livros de prosa e versos, cheios de lirismo, de sol e de poesia, acaba de nos conceder a honra de oferecermos aos nossos leitores, seis sonetos inéditos, devidos á sua brilhante pena.

Dizer aqui o esforço dispendido para lhe *arrancar* as mimosas produções que os nossos leitores vão apreciar, é tarefa fastidiosa de que nos dispensamos. O nosso poeta que vive *di lá*, extasiando-se a *espia o beijaflor* e o *sabiá descendo na ramada das árbe*, tem *passado as lúas tapeando os camarada desta banda, sim lembrá que nós, todo, lhe queremos tanto!*...

A TUA SOMBRA

Deixei-te. Era preciso. Meigamente
por mim fizeste o que ninguém fizera
Mas pôde alguém juntar, por mais que tente,
no mesmo ninho o Outono e a Primavera?

Em ti cantava o sol, a voz fluente
dos grandes sonhos. Eu apenas era,
depois da vida gasta inutilmente,
um velho louco atrás de uma quimera.

Deixei-te. Era preciso...—Mas agora,
sem ter noção alguma do que sou
nem das palavras que no «adeus» te disse,

eu cismo, e vejo, e sinto, a toda a hora,
que até a minha sombra se apagou
para que a tua sombra me seguisse!

FANTASMA

Segue-me os passos, implacavelmente,
a sombra do meu vulto de algum dia.
Como um remorso, é fria e persistente;
como um carrasco, impertinente e fria.

E diz:—Não fujas! Olha-me de frente!
Porque deste assim? Que falso guia
fiz do teu sonho, altívolo e fremente,
uma existência inútil e vasia?

Que é da tua alma de menino e moço?
Que frutos de beleza produziste,
se nem vestígios deixas pela estrada?—

Quero ser surdo a essa voz: não posso.
Contemplo o Outono (o meu espelho triste)
e então confesso humildemente:—Nada!

SERENATA NEGRA

Morreste virgem. Deve andar contente
a Morte com tão cândido festim.
Porque entregaste à Morte, friamente,
o que eu tanto sonhara para mim?

O teu caixão, que lindo! Era um presente
de seda, e ouro, e pétalas sem fim...
E tantos olhos tristes! Tanta gente!
Nunca uma virgem teve entêrro assim.

Que te valeu morrer inaculada,
se desta vida não viveste nada
nem lhe sentiste um pálido reflexo?

Ouve: as raízes cantam. Não demora
que os vermes bailem, pela noite fóra,
na santidade esteril do teu sexo!

SAHARA

E' isto a Vida?... esta jornada insana?...
E' isto o que eu supunha um céu aberto?...
Como o nosso «eu» minúsculo se engana,
olhando ao longe sem se olhar de perto!

Senhor! porque iludiste a argila humana?
Porque o deixaste, assim, em rumo incerto,
como faminta e rôta caravana
que não couce as trilhas do deserto?

«Serás um deus (resava a minha sina).
Pelo esplendor que do teu verbo flui,
terás o mundo em tuas mãos suspenso!»

Mas veio o Outono triste. O sol declina,
e eu sou ainda como sempre fui:
—um grão de areia no deserto imenso!

PRESENTE DO NATAL

Baila, boneco! Desengonça bem
tua beleza cômica de entrudo!
E's feito de farrapos?... Mas que tem
se são farrapos do melhor veludo?

Baila, boneco! Baila o teu desdem,
o teu cinismo, o teu mistério mudo!...
Move essas pernas! Mostra que és alguém!
P'ra que tristezas, se a alegria é tudo?

Entre tantos e tantos mil brinquêdos
deste Natal, só tu foste escolhido
para palhaço, meu irmão-menino!

Anda, obedece á ordem dos meus dedos!
Eu quero rir-me do que tenho sido
nos dedos implacáveis do Destino!

ALEGRIA DE VIVER

Bem dita seja a Vida! Como é bela!
No Céu, no Mar, na Terra, em cada planta,
em cada olhar, sempre o sorriso d'Ela!
Não vedes? Tudo brilha, tudo canta!

Abri de par em par minha janela.
O sol entrou. Sua alegria é tanta!...
Lá fora, na paisagem-aquarela,
não vedes?, tudo brilha, tudo canta!

Sol do Brasil, espalha mundo além
tua canção estridula e dourada,
teus beijos, teus abraços triunfais...

(Mas nunca, nunca fales a ninguém
da noite negra que, de tão cerrada,
dentro de mim não amanhece mais!)